



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A BARBARIZAÇÃO DE ALEXANDRE MAGNO NA
HISTORIOGRAFIA: SÉCULOS XIX, XX E XXI EM CONTRASTE**

Thiago do Amaral Biazotto*

Pedro Paulo Abreu Funari**

Ao longo das últimas décadas, os estudos ligados à História Antiga têm abarcado temas que, até então, eram periféricos, quando não inexistentes: as identidades sociais, as questões de gênero e sexualidade e as apropriações políticas do Mundo Antigo são alguns exemplos profícuos. De mesma sorte, as abordagens para esses estudos têm se pretendido mais problemáticas, abandonando a visão de uma Antiguidade como um lugar absconso e apolítico¹. Comungando da linha teórica supramencionada, este artigo buscará refletir sobre as formas como Alexandre Magno (356 – 323 a.C.) foi representado como um monarca persa, como um Grande Rei, como um soberano bárbaro cujas atitudes causavam espécie e embaraço aos seus soldados macedônios.

* Graduado em História pela Unicamp e mestrando em História pela mesma instituição, com bolsa Fapesp. Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari. Contato: thiago_a_b@yahoo.com.br.

** Professor Titular da Unicamp e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais da mesma instituição. Contato: ppfunari@uol.com.br

¹ A título de ilustração, podemos citar os seguintes trabalhos: BERNAL, M. “A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia” In: *Textos Didáticos – Repensando o Mundo Antigo*. IFCH/UNICAMP. n° 49 – abril, pp. 13-31, 2005, PINTO, R. *Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011 e SILVA, G. *História Antiga e usos do passado: um estudo das apropriações sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2007.

Para extrair interpretações mais ecléticas a respeito do conquistador barbarizado, opta-se pela escolha de trabalhos historiográficos oriundos das três últimas centúrias: Johann Gustav Droysen, em *Geschichte Alexanders des Grossen*² (1833), Pierre Jouguet (1869-1949), em *l'impérialisme macédonien et l'hellénisation de l'orient*³ (1927), e Claude Mossé (1925-) em *Alexandre, La destinée d'un mythe*⁴ (2001). Escritas em momentos históricos deveras distintos, cada uma das fontes oferta alocação peculiares, o que reforça a pluralidade já defendida como norte deste texto. Sendo assim, passaremos agora às considerações iniciais devidas para, depois, irmos às formas como cada um dos estudiosos escolhidos aquilatou a suposta filiação de Alexandre à monarquia persa.

EM BUSCA DO ALEXANDRE “BARBARIZADO”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A algumas raras figuras é atribuído o papel de epítome de certa época. Grupo mais restrito é o das personagens que marcam o fim de uma era e início de outra. Johann Gustav Droysen (1808-1884), eminente helenista, descreveu Alexandre nestes mesmos termos (2010: 37). Contudo, o prussiano parece ter se esquecido de algo: a magnitude das construções em torno da figura do conquistador é tamanha que ultrapassa os limites das eras que ele encerrou e inaugurou. Lendas, biografias e narrativas de seus feitos vão desde os tempos de suas vitórias até a contemporaneidade, sempre adornadas com tinturas ideológicas das épocas que evocam suas ações. Deste modo, debruçar-se sobre as biografias do macedônio é exercício mais profundo do que o simples investigar de suas façanhas: trata-se, sobretudo, de escrutinar como preceitos de ordem política, social e cultural contemporâneos à feitura dessas biografias são incutidos em suas narrativas. Cada época possui seu próprio Alexandre, afinal.

Não obstante a riqueza das obras que serão estudadas, o tema precípua deste artigo aparece de forma apenas periférica: a barbarização de Alexandre. Ciente da discussão epistemológica em torno do vocábulo bárbaro, entende-se por barbarização, o

² A edição usada será *Alexandre: o grande*, lançada pela editora carioca Contraponto, em 2010, com tradução do original a cargo de Regina Schöpke e Mauro Baladi, com revisão de César Benjamin.

³ A edição usada será *El imperialismo macedonico y la helenización del oriente*, lançada pela Editorial Cervantes, de Barcelona, com tradução a cargo de F. L. de La Va Lina y Argüelles, em 1928.

⁴ A edição será *Alexandre, o Grande*, lançada pela editora paulistana Estação Liberdade, em 2004, com tradução do original francês a cargo de Anamaria Skinner.

fato de o macedônio sentar-se no trono de Ciro, usar da vestimenta e dos adornos persas e tornar obrigatória a feitura da *proskynesis* – o ato de curvar-se perante o monarca –, atitudes passíveis de ser classificadas como bárbaras, por estranhas aos costumes greco-macedônios e tidas por eles como marca indelével do despotismo oriental. Sua adoção causou repugnância e manchou com tinturas hediondas a trajetória de Alexandre. Partindo disso, o presente texto obedecerá à seguinte metodologia: serão apresentadas breves biografias de cada autor estudado, seguidas por excertos que narrem o tema em questão. Ao final, será feito um balanço sobre as formas como cada um deles interpreta a adoção de certos protocolos da realeza persa por Alexandre. Todavia, antes é necessário fazer um rápido recapitular do surgimento do termo “bárbaro”, na investida de clarear como surge ele estampado nas fontes selecionadas.

O termo bárbaro tem etimologia ligada à expressão “bar-bar-bar”, que era, de acordo com Estrabão, uma onomatopeia alegórica para a fala balbuciada dos não-gregos. Conceito nascido apenas para tratar de questões linguísticas, após as Guerras Médicas ele ganha uma carga adicional, envolvendo noções relativas à brutalidade e ao despotismo. O maior dos estarigitas, Aristóteles, também ajudou a forjá-lo, afirmando em sua *Política* que os orientais apreciavam climas quentes e tinham inteligência limítrofe, ao passo que os gregos se beneficiavam da geografia e clima ideais, de modo que era seu o direito de governar toda a humanidade. Já Heródoto usa *barbaros*, no mais das vezes, para se referir aos persas como antíteses perfeitas dos helenos⁵ (GRUEN, 2006: 295). É sobre este ponto que se debruça François Hartog, no clássico *O espelho de Heródoto*, quando analisa as estratégias retóricas usadas pelo historiador de Halicarnasso para descrever povos desconhecidos aos helenos, numa construção que leva em conta mais o universo semântico daqueles a quem se destina a descrição do que dos descritos. Tal ocorreu com os soberanos persas, nomeados de acordo com os desígnios gregos:

O nome próprio significa alguma coisa, como se vê, por exemplo, como os nomes dos Grandes Reis, Dario, Xerxes e Artaxerxes. Com efeito, traduzidos em grego significam “O Repressor”, “O Guerreiro”, “O Grande Guerreiro” (...) o nome aparece, ao mesmo tempo, como nome próprio e como denominação: Dario e Xerxes são como Ricardo Coração de Leão e Ivan o Terrível” (1999: 254).

⁵ Embora o conceito seja atribuído quase sempre aos gregos, Gruen defende que a palavra babilônica *barbau* (“estrangeiro”) também pode ter contribuído semanticamente para a edificação do termo bárbaro, acrescentando, conforme descrito por Heródoto, que os egípcios também denominavam assim aqueles que não falam sua língua. (GRUEN, 2006: 297). Como bem já afirmou o ensaísta francês Michel de Montaigne: “cada um chama de barbárie o que não é de seu costume” (2010: 145).

A criação de alteridades que ridicularizavam os persas tinha suas raízes no medo arrebatador que sua presença nos negócios da Hélade provocava. Sua imagem de arautos da crueldade e desmesura é produto de uma espécie de tática de autodefesa epistemológica, de acordo com García Sánchez (2009: 52). Este alteridade, fruto dos autores clássicos, serviu como uma das bases para que os saberes ocidentais enxergassem no Oriente um espaço desregrado, palco de atrocidade e selvageria, conforme consta em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1978), seminal obra do intelectual palestino Edward Said, que discute de que maneira noções como as de bárbaro, opulento, sedutor, entre outras, foram construídas pela historiografia imbricadas na ideia de um outro oriental, que deve ser evitado e temido, mas, também, domado e civilizado pela racionalidade, temperança e audácia ocidentais. Eis a definição da prática orientalista:

O Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente. (SAID, 2007: 29)

Tais noções continuam em voga no mundo hodierno, como defendido em *O Medo dos Bárbaros: Para Além do Choque das Civilizações* (2010), do linguista búlgaro Tzvetan Todorov. De acordo com sua argumentação, o medo dos bárbaros é o medo de tornar-se um deles, vivo em nossa sociedade que testemunha epítetos cada vez mais ultrajantes destinados àqueles do Oriente - em particular após os atentados às Torres Gêmeas - e que continua a praticar “orientalismos” quando traça linhagens unívocas entre os persas, o Islã, a Al Qaeda e o fundamentalismo religioso (GARCÍA SÁNCHEZ, 2009: 46). Essa espécie de retórica de “longa duração” do oriente como espaço do bárbaro – do outro em essência – aparece de forma marcante nas fontes desde artigo, em particular no texto de Jouguet, escrito no coração da ação imperialista francesa.

Feita a introdução, cabe-nos, agora, apresentar de que forma as visões de um Alexandre barbarizado aparecem nas páginas dos autores estudados.

A BARBARIZAÇÃO DE ALEXANDRE DE DROYSEN A MOSSÉ: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

Johann Gustav Droysen nasceu em Treptow, na Pomerânia, a 6 de julho de 1808, filho de um capelão protestante. Em 1826, ingressa na carreira de Filologia Clássica na Universidade de Berlin, tomando aulas de August Boeckh, e, logo depois, se iniciando na severa disciplina da epigrafia, decifrando inscrições em moedas e papiros (MÉCHIN, 2010: 17-18). Em 1831, Droysen termina seu doutorado *On the Kingdom of the Lagids under Ptolemaus IV Philomethor*, sob a orientação de Boeckh, e, em 1833, por fim, lança seu *magnum opus*: *Geschichte Alexanders des Grossen*.

Droysen era fervoroso defensor da unificação alemã sob as austeras rédeas prussianas, fato precípua para o entendimento de suas elocuições, que, muitas vezes, traçam analogias entre a Prússia e Macedônia (CALDAS & SANTA'ANA, 2008: 93-4).

Em 1840, é admitido como professor na Universidade de Kiel, onde se convence de que a História da Prússia seria a nova vedete em seus estudos. (SOUTHARD, 1995: 32). Em 1848, é convidado a assumir um cargo político, tomando posse como parlamentar na Assembleia de Frankfurt. Em 1851, é nomeado professor na Universidade de Jena e, exortado por convicções políticas cada vez mais arraigadas, começa a empreender uma monumental obra sobre História da Prússia, sonho que perdurou até a década de 1870. Em 1859, Droysen atinge o auge de qualquer intelectual de sua época: é nomeado professor na Universidade de Berlin, epicentro de toda a pungente ciência germânica do século XIX onde permaneceu até sua morte em Junho de 1884 (BENTIVOGLIO, 2010: 30).

Droysen, ademais, foi responsável pela cunhagem do termo erudito “helenismo” na era moderna, usado para se referir à cultura greco-macedônia que triunfou, como as armas das falanges, sobre as hordas asiáticas, fazendo surgir a obra magna de Alexandre: uma semente cultural que floresceu sobre os campos de batalha calcinados pela marcha de seus soldados:

Alexandre os encerrou (os conflitos entre Oriente e Ocidente) ao aniquilar o império dos persas, ao conquistar todo o território situado entre o deserto africano e a Índia, ao afirmar a supremacia da civilização grega sobre a cultura declinante dos povos asiáticos. Enfim, ao gerar o helenismo (2010: 37).

No tratar da adoção de costumes persas, Droysen é, em geral, comedido. Em seu entender, mesmo a indumentária oriental era mais adequada ao clima da Ásia do que os parcos panos grego-macedônios (2010: 293). Sendo assim, listaremos agora alguns trechos em que prussiano disserta sobre o assunto:

A partir da morte de Dario, começou a vestir os trajes asiáticos para receber os persas que vinham implorar clemência e a substituir a simplicidade da vida no acampamento macedônio pelo fausto das cortes orientais. Porém, no dia seguinte, reaparecia à frente das tropas, sempre infatigável e o primeiro no combate (...). Alexandre se esforçava para atrair para si os persas e fazer com que eles esquecessem a vitória dos macedônios (...)por seus trajes (...)as multidões da Ásia reconheceram e veneraram nele o seu deus-rei (2010: 281-2)

(...)Alexandre quis obrigar os helenos a conceder-lhe (...) honras divinas. É preciso não esquecer que tal exigência não parecia, para os antigos, nem tão exorbitante nem tão blasfematória quanto parece à primeira vista (...). Os povos do Oriente estão habituados a honrar seu rei como um ser de origem superior, e essa crença em uma filiação divina está na base de toda monarquia e de toda soberania (...). Eis por que Alexandre aceitou a “adoração” que os bárbaros endereçavam ao rei como ao “homem semelhante aos deuses” (2010: 462-3).

A partir dos trechos expostos, nota-se que Droysen enxerga na adoção de alguns protocolos da realeza persa por Alexandre uma perspicaz estratégia na tentativa de melhor comandar as indóceis turbas persas, tão acostumadas ao despotismo que seria fundamental revestir-se da túnica púrpura de modo a legitimar seu governo. Alexandre, ao envregar o vestuário persa, tornar-se-ia lícito sucessor da linhagem aquemênida, sem, contudo, perder o decantado gênio grego que o permitiu gerar o helenismo.

Já Pierre Jouguet foi estudante na Escola Francesa de Atenas (1894-1897), obteve o título de Doutor em Letras pela Universidade de Lille (1911), tornando-se professor desta mesma instituição até 1920, e também responsável pela fundação de seu instituto de papirologia. No mesmo ano, ingressa nas aduladas cátedras da Sorbonne, tornando-se seu docente até 1928. Também digno de nota, foi sua ocupação como Presidente da Sociedade Real Egípcia de Papirologia e sua amizade com Fuad I (1868-1936), sultão e posteriormente Rei do Egito. Pela profícua carreira, recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Bruxellas em 1947 e, em 1948, o de *Commandeur de la légion d'honneur*, a mais alta condecoração do governo francês dada a indivíduos de serviços inestimáveis prestados à nação (MERLIN, 1950: 406). Jouguet faleceu a 9 de julho de 1949.

Seu livro *El imperialismo macedonico y la helenización del oriente* carrega um forte verniz imperialista, defendendo que a Alexandre era facultada a missão de ilustrar com a sabedoria grega – lídima matriarca dos saberes ocidentais modernos – os rincões asiáticos. A fundação de cidades, espaço por excelência de florescimento do gênio helênico, seria a prova da “helenização do Oriente” levado a cabo pela cultura grega naqueles grotões. Seja como for, as campanhas de Alexandre nos confins da Ásia não foram de todo exitosas: assim como a personagem Kurtz⁶, do célebre romance *O Coração das Trevas* (1899), ou o general francês e agente no Marrocos, Hubert Lyautey (1854-1934)⁷, o indomável macedônio deixou-se seduzir pela libertinagem estrangeira. Se antes era monarca incontestável do mundo – e o helenismo a joia mais brilhante de sua coroa -, após assenhorear-se do reino persa, sua grandiosidade pereceu e feneceu. Ao se entregar à concupiscência dos vencidos, Alexandre igualou-se a eles, deixando de cuidar do helenismo, razão de sua vitória, num interpretação radicalmente oposta à de Droysen. Vejamos alguns trechos que ilustram esse posicionamento:

(...)Al sentarse en el trono de Ciro, Alejandro había adoptado el estilo y etiqueta de un Gran Rey. Podía aceptarse que se hiciera adorar según la etiqueta persa por sus súbditos asiáticos; pero había querido imponer esta obligación a macedonios y griegos. (1927: 58)

Pero después de la muerte de Darío sobrevino un cambio completo. Entoces se sienta en el trono de los Grandes Reyes. Como si la victoria de sus armas le hubiera hecho legítimo sucesor de los aqueménidas, ordena el castigo de los asesinos y la cuestión de la *proscinesis* patentiza que no se satisfacía con las realidades de un poder amparado por la fuerza de las armas, sino que pretende basarlo en el prestigio divino de la monarquía oriental. (1927: 100).

Al menos verían clarísimamente que Alejandro, desde que se sentó en el trono de los Grandes Reyes, dejó de conducirse únicamente como macedonio y griego. Desde el momento en que heredó el Imperio, sí no sería cierto el decir que ya no se cuidó de helenismo, sí lo es que el

⁶ De acordo com a novela, Kurtz era um eficiente negociante de marfim, enviado ao Congo Belga com a missão de obter mais proventos financeiros para o reino de Leopoldo II. Todavia, ao mergulhar nas profundezas da densa floresta africana – o coração das trevas – Kurtz é tragado pelo ambiente de forma inconversível, passando a viver entre os nativos como uma espécie de semideus, abandonando sua missão basilar. Consultar. CONRAD, J. *Coração das trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁷ Lyautey era um general do exército francês, que serviu no Marrocos entre os anos de 1912 a 1925. Responsável por “pacificar” a colônia, um de seus métodos mais conhecidos era o de manter as tradições locais, de forma a mitigar as revoltas autóctones. Era comum, durante seu jugo, o hastear da bandeira marroquina e o entoar se seu hino, fato que desagradava a alguns setores da alta cúpula da França. Consultar. SINGER, B. “Lyautey: An Interpretation of the Man and French Imperialism” *Journal of Contemporary History*, Vol. 26, No. 1, pp. 131-157, 1991.

helenismo no es el único de sus cuidados. Más bien parece otro Darío (1927: 152)

Uma vez que Jouguet não se furta a fazer analogias entre o imperialismo macedônio e o francês (FUNARI, 2003: 40), não estranha sua interpretação do sentar de Alexandre no trono de Ciro como uma aberrante demonstração de orgulho e insolência, incompatíveis com caráter do conquistador que foi maculado por bajuladores e aspones. Abancar-se naquele trono faria com que ele se tornasse um reles sucessor de Dario, ou seja, um déspota da mais infame laia.

Claude Mossé, por fim, nasceu em 1925, é historiadora especializada em Grécia Antiga. Teve seu primeiro contato com cânones da Antiguidade ao ler um texto de Demóstenes – ironicamente, o principal antagonista de Filipe II, pai de Alexandre – cuja apreciação foi de salutar frescor democrático em meio à França tomada pelos exércitos de Hitler. Mossé também foi responsável pela fundação, em 1959, do Centro Vincennes, que se tornou a Universidade de Paris VIII, onde é professora emérita.

Sua obra vem a lume num mundo que, supostamente, apregoa a existência de identidades fluidas, diversidades culturais e descontinuidades narrativas. Seu Alexandre é paradoxal, dúbio em essência. Sua terra natal, a Macedônia, se encontra numa encruzilhada; não é grega, nem, tampouco, bárbara (2004: 18). Seu semblante monárquico se fratura em múltiplas faces; o “rei dos macedônios, o *hegemon* dos gregos, o sucessor dos aquemênios” (2001: 47). Mesmo sua missão ingente é contraditória; se por um lado é avaliada como salutar a utopia de unir gregos e bárbaros, por outro, defende-se que Alexandre apenas incorporaria os persas – chamados de “iranianos” por todo o livro – às falanges em virtude do *déficit* de combatentes. Mesmo seu caráter é tido como questionável. Mossé sequer se furta em nomear “querela de bêbados” a altercação entre Alexandre e Clito (2001: 41). Trata-se, em suma, de uma espécie de Alexandre globalizado⁸, visto pelo caleidoscópio embaçado e contraditório, típico dos nossos tempos. Veremos trechos que sustentem essas afirmações:

O que os macedônios recriminavam em Alexandre era o fato de ele se comportar adotando os hábitos dos bárbaros, agindo como déspota diante de homens livres que eles, os macedônios, eram. Foram esses

⁸ Para uma análise de Alexandre como inaugurador do fenômeno da globalização (entendida como a troca de informações e circulação de pessoas generalizadas), consultar, o sofisticado artigo LIEBERT, H. “Alexander the Great and the History of Globalization” *The Review of Politics, University of Notre Dame*, nº. 73, pp. 533-560, 2011.

mesmos soldados macedônios que rejeitaram a cerimônia da *proskynese*, exigida por Alexandre como se eles fossem súditos orientais (2004: 57).

Alexandre (pode ter) feito valer a herança persa tal como descrita no romance pedagógico de Xenofonte, que ele certamente conhecia. Aparecer como sucessor do grande Ciro, e não como o do fraco Dario, era muito mais prestigioso (2004: 72-3).

Se ele (Alexandre) impôs a seus súditos iranianos as marcas de respeito devidas ao soberano aquemênida, se adotou parte do vestuário desse soberano, em particular o diadema, se, além disso, deixou-se tentar por um certo luxo, foi só para os iranianos que se tornou o sucessor do Grande Rei. (2004: 142).

No entender da erudita francesa, a adoção da indumentária asiática por Alexandre deu-se apenas em parte, posto que o conquistador recusou-se a envergar a tiara, as calças largas e a capa. Dada a adoção desta maneira, Alexandre tinha por objetivo reverberar em si a conspícua imagem de Ciro, ao invés de Dario III⁹. Enquanto o primeiro era fundador do colossal império dos persas – o próprio Alexandre, ao encontrar violado em Pasárgada o sepulcro do soberano, mandou castigar furiosamente o autor de tamanha infâmia – o segundo era um monarca covarde, menor, que bateu em retirada da Batalha de Isso sem ao menos levar consigo a mãe, filhas e esposa e que, tempos depois, redigiu com tintas melancólicas uma carta implorando clemência pela vida das duas mulheres. Ademais, Mossé está em discurso harmônico com Droysen quanto à adoção dos trajes estrangeiros como estratégia para granjear a simpatia das persas, mas, ao contrário do prussiano, esta adoção fez com que Alexandre perdesse o apoio irrestrito de seus veteranos, uma que vez ele associar-se-ia de modo unívoco ao “poder despótico” asiático, absolutamente oposto às tradições macedônias (MOSSÉ, 2004: 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi apresentar de que forma eruditos dos séculos XIX, XX e XXI abordaram o tema da barbarização de Alexandre, aspecto periférico nas obras estudadas. Vimos que Droysen, que defendia de forma fulgurante a unificação alemã,

⁹ De acordo com García Sánchez, Ciro era o único monarca persa que gozava de prestígio entre os gregos, sendo considerado até o “espelho dos príncipes”, como atesta a *Cirópedia*, de Xenofonte. Cf. GARCÍA SANCHEZ (2009: 99).

interpretava a adoração de trejeitos persas como uma forma de obter legitimidade dos aquemênidas, aspectos de primeira importância para construção de seu Império. Já Jouguet, cuja obra nasce durante o auge da ação imperialista francesa, lança libelos contra o conquistador por ter assumido as feições dos Grandes Reis, considerando que, ao fazê-lo, Alexandre perderia de forma irrecorrível sua identidade grega. Mossé, escrevendo neste século, aborda o aspecto estudado apenas como mais uma das múltiplas faces do filho de Filipe II, algo que encontra ecos no mundo hodierno, que assiste, cada vez mais, a defesas em prol das identidades fluidas e matizadas. Deste modo, espera-se que o presente texto tenha tanto apresentado uma temática ainda pouco explorada, como contribuir para uma visão mais problemática e plural das identidades no Mundo Antigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTIVOGLIO, J. “Cultura política e historiografia alemã no século XIX: a Escola Histórica Prussiana e a *Historische Zeitschrift*”. *Revista de Teoria da História*, v. 3, p. 20-58, 2010.

BERNAL, M. “A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia”. *Textos Didáticos – Repensando o Mundo Antigo*. IFCH/UNICAMP. nº 49 – abril, pp. 13-31, 2005,

CALDAS, P, SANT'ANNA, H.. “Fixar a onda de luz: a transição das épocas históricas no conceito de helenismo em Johann Gustav Droysen”. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 01, pp. 88-101, 2008.

CONRAD, J. *Coração das trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DROYSEN, J. *Alexandre: o grande*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

FUNARI, P. P. A. *Antiguidade Clássica: a História e a Cultura a partir dos documentos*. Campinas: Editora da Unicamp,

GARCÍA SÁNCHEZ, M. *El Gran Rey de Persia: formas de representación de La alteridad persa en El imaginario griego*. Instrumenta 33: Barcelona, 2009.

GRUEN, E. “Greeks and non-Greeks” In: BUGH, G. (ed.) *The Cambridge companion to the Hellenistic world*. Cambridge University Press, pp 9-27, 2006.

HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

JOUGUET, P. *El imperialismo macedonico y la helenización del oriente*. Barcelona: Cervantes, 1927.

LIEBERT, H. “Alexander the Great and the History of Globalization”. *The Review of Politics, University of Notre Dame*, n.º. 73, pp. 533-560, 2011.

MÉCHIN, B. “História e poesia”. DROYSEN, J. *Alexandre: o grande*. Rio de Janeiro: Contraponto, pp. 15-31, 2010.

MERLIN, A. “Notice sur la vie et les travaux de M. Pierre Jouguet, membre de l'Académie”. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 94e année, N. 4, pp. 392-406, 1950.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios: uma seleção*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PINTO, R. *Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SAID, E. *Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, G. *História Antiga e usos do passado: um estudo das apropriações sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2007.

SINGER, B. “Lyautey: An Interpretation of the Man and French Imperialism” *Journal of Contemporary History*, Vol. 26, No. 1, pp. 131-157, 1991.

TODOROV, T. *O medo dos bárbaros: para além do choque de civilizações*. Petrópolis: Vozes, 2010.

